

# AS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - CEPA/UFPR (1956-2006)

Igor Chmyz\*

**RESUMO:** Neste artigo são relatadas as atividades desenvolvidas no ano de 2006 em comemoração do cinquentenário do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná. Apresenta, também, os depoimentos prestados por arqueólogos que, como professores ou alunos, relacionaram-se à Instituição. Os depoimentos foram colhidos durante o Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira, realizado em Curitiba, entre os dias 3 e 5 de outubro de 2006.

**Palavras-chave:** Arqueologia Brasileira; História da Arqueologia Brasileira; Comemoração do cinquentenário do CEPA/UFPR.

O CEPA/UFPR, com a denominação original de Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, foi criado em 1956 por José Loureiro Fernandes, Catedrático de Antropologia na Universidade Federal do Paraná. Filiado ao Instituto de Pesquisas da então faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o Centro tinha por finalidades a formação de arqueólogos e a execução de pesquisas de campo e laboratório.

Organizou, a partir de 1957, diversos cursos coordenados por arqueólogos estrangeiros e nacionais, freqüentados por graduados procedentes de vários estados brasileiros. Para a manutenção do corpo docente, aquisição de equipamento e o custeio dos trabalhos de campo, o Centro contou com a colaboração do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, além da própria universidade.

Desde 1952, entretanto, pesquisas já estavam sendo organizadas no âmbito da Universidade do Paraná, por iniciativa de Loureiro Fernandes, desenvolvidas por arqueólogos iugoslavos e franceses e acompanhadas por professores paranaenses.

\* Professor do Departamento de Antropologia e Diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. E-mail: cepa@ufpr.br

Dos sítios arqueológicos utilizados para as aulas práticas dos cursos, resultaram informações sobre a pré-história paranaense, que passaram a ser divulgados em periódicos do país e do exterior, inclusive no do próprio Centro, denominado “Arqueologia”.

Com a implantação da reforma universitária, entre as décadas de 1960-70, o CEPA perdeu a sua autonomia para promover cursos de formação. Foi transformado em Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas em 1985, filiando-se ao Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Exercendo a função de pesquisa, especialmente as voltadas à arqueologia de salvamento, o Centro não deixou de atuar na formação de futuros arqueólogos uma vez que admite a participação de acadêmicos e graduados nos projetos que desenvolve.

Diversas atividades foram programadas para comemorar o cinquentenário do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas durante o ano de 2006, compreendendo exposições, seminário, inauguração de novas instalações e lançamento de publicações.

As comemorações foram iniciadas no mês de março, entre os dias 7 e 24, com a exposição intitulada “América do Sul Rupestre”. Foi montada na Sala Arte, Design & Cia., situado no piso térreo do Edifício Dom Pedro I, em colaboração com o Departamento de Design.

A exposição reuniu painéis de entretela com decalques obtidos por friccionamento (*frotage*) sobre petróglifos. As reproduções, em tamanho real, mostravam as sinalizações rupestres em negativo.

Os painéis foram produzidos pelo artista plástico colombiano Santiago Planta Rodriguez, que, ao chegar em Curitiba, havia percorrido 20.000km. De bicicleta adaptada para transportar também o equipamento que utiliza para a reprodução dos petróglifos, o artista plástico formado pela Universidade Nacional da Colômbia, saindo de seu país, atravessou o Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e o Paraguai. Além dos contatos mantidos com arqueólogos, historiadores, artistas plásticos e autoridades de cada país, Santiago manteve-se em estreita relação com os seus moradores, em regiões inóspitas, nos locais onde os painéis pré-históricos são encontrados.

Desejando decalcar painéis pré-históricos brasileiros, Santiago Plata visitou o local onde, em 1961, entre os municípios paranaenses de Paulo Frontin e Paula Freitas, no médio rio Iguaçu, havíamos cadastrado um bloco rochoso a céu aberto<sup>1</sup>. Constatou, então, que o bloco havia sido destruído por “caçadores de tesouros”.

---

<sup>1</sup>CHMYZ, Igor. Breves notas sobre petróglifos no segundo planalto paranaense (sítio PR UV 5) **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas**. Curitiba, n. 1, p. 53-63. 1968.



O evento atraiu a atenção de alunos da Casa e público em geral, proporcionando aos visitantes uma visão da diversidade estilística e cultural expressa nos painéis de cada país. Um deles reproduziu, inclusive, as gravações executadas posteriormente por vândalos. A exposição foi montada pelo próprio artista plástico, contando com o auxílio de pesquisadores e estagiários do CEPA/UFPR.

***O artista plástico Santiago Plata Rodriguez decalcando petróglifos em Salamanca, no vale do rio Chiapa, no Chile.***



***Detalhe da exposição “América do Sul Rupestre”, realizado por Santiago Plata Rodriguez na Sala Arte, Design & Cia., em Curitiba. Em primeiro plano, a bicicleta utilizada pelo artista plástico em suas viagens pela América do Sul.***

No dia 18 de abril, foram solenemente inauguradas as novas instalações do Centro. A cerimônia transcorreu no espaço criado para acomodar o “Museu de Arqueologia José Loureiro Fernandes”, contando com a presença do Reitor e da Vice-Reitora da Universidade, prof. dr. Carlos Augusto Moreira Jr. e profa. dra. Maria Tarcisa Silva Bega, respectivamente, os Pró-Reitores de Extensão e Cultura e de Administração, profa. dra. Rita de Cássia Lopes e prof. dr. Hamilton Costa Jr., os Diretores do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes e Setor de Ciências Biológicas, prof. dr. José Borges Neto e profa. dra. Maria Helena Mendonça, o Prefeito da Cidade Universitária, sr. Gilmar José Ferreira dos Santos, os Chefes de Departamentos, prof. dr. José Roberto Braga Portela (História), profa. dra. Christine de Alencar Chaves (Antropologia), prof. dr. Benito Martinez Rodriguez (Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas), e prof. dr. Alberto Ireneu Puppi (Design), a Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, profa. dra. Edilene Coffaci de Lima, o representante de Furnas Centrais Elétricas S.A., arqueólogo Marcelo Gatti, o Superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico no Paraná, prof. José La Pastina Filho, o Diretor do Círculo de Estudos Bandeirantes da PUC-PR, prof. Sebastião Ferrarini, a Diretora do Museu Paranaense representando a Secretaria de Cultura do Paraná, museóloga Eliana Moro Reboli, professores, alunos e servidores técnico-administrativos da Casa e pesquisadores e estagiários do CEPA.



***O Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná, prof. dr. Carlos Augusto Moreira Jr., discursando durante a solenidade de inauguração das novas instalações do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas.***



***Público reunido no “Museu de Arqueologia José Loureiro Fernandes”, por ocasião da cerimônia de inauguração da reforma e ampliação do CEPA/UFPR, obras patrocinadas por Furnas Centrais Elétricas S.A.***

Fazendo uso da palavra o Diretor do Centro esclareceu que ao ser criado, o CEPA não possuía instalações próprias. A administração, capitaneada pelo seu fundador, o prof. dr. José Loureiro Fernandes, acontecia nas dependências do Círculo de Estudos Bandeirantes, situado na rua XV de Novembro, nº 1050 e, as atividades de laboratório, transcorriam no Museu Paranaense, cujo endereço era a rua Buenos Aires, nº 200.

Com a inauguração do edifício da Faculdade de Filosofia em 1958, no atual Campus Reitoria, o CEPA foi instalado em uma sala do 6º andar, na ala do Departamento de História. O Departamento de Antropologia ocupou a ala oposta do mesmo andar.

Devido às crescentes atividades desenvolvidas pelo CEPA nos anos seguintes, que compreendiam cursos de formação de arqueólogos e pesquisas, o espaço existente tornou-se exíguo até para as tarefas administrativas. Em 1968, o problema foi levado ao conhecimento do prof. Homero de Barros, o então diretor da Faculdade sugerindo-se, como solução emergencial, a construção de um anexo, entre as salas em uso e a parede dos elevadores dos professores; alegou o senhor Diretor que tal obra descaracterizaria o prédio, mas, entendendo que a situação era crítica, ofereceu as instalações ociosas existentes na cobertura do edifício. Elas ocupavam uma área com 133m<sup>2</sup> e haviam

sido executadas conforme projeto do zoólogo pe. Jesus Moure.

Realizando pesquisas acadêmicas e de salvamento desde meados da década de 1960, o CEPA passou a reunir volumoso e valioso acervo, hoje único referencial de espaços inundados ou modificados. As antigas instalações do pe. Moure logo ficaram saturadas, porém as pesquisas prosseguiram em ritmo acelerado. Os acervos de alguns projetos constituíram museus regionais, como o da UHE Itaipu, desafogando as dependências do CEPA.

Na década de 1990, o pesquisador João Carlos G. Chmyz conseguiu que a Companhia Energética Paranaense construísse, no Centro Politécnico, um prédio para a acomodação e estudo do material arqueológico resgatado na área da UHE Salto Segredo.

Um plano para a utilização da área contígua desta cobertura, a do telhado, que tantos problemas acarretou aos ocupantes do andar de baixo devido às infiltrações pluviais, arrastou-se por vinte anos. Difícil era a captação dos recursos para a realização das obras. Diversas possibilidades surgiram e não se concretizaram.

Com a implantação do projeto de salvamento arqueológico ao longo da Linha de Transmissão de Energia em 750kv, ligando as subestações de Ivaiporã (PR) e Itaberá (SP), Furnas Centrais Elétricas S.A., a responsável pelo empreendimento, concordou em incluir no seu custo a quantia necessária para a reforma e ampliação dos espaços laboratoriais e de reserva técnica do CEPA, além da criação de outros destinados a salas de aula e museu a elas vinculado, totalizando 582m<sup>2</sup>. Essas instalações propiciarão, também, a futura implantação de curso de pós-graduação em Arqueologia na Universidade Federal do Paraná.

O acaso fez com que esta inauguração coincidissem com o ano do cinquentenário deste Centro, fruto de idealização pioneira de José Loureiro Fernandes, uma instituição que foi paralísada com a reforma universitária aqui implantada na década de 1970 e restaurada na década seguinte, graças aos esforços do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, ao qual se vinculou.

Encerrando a fala, agradeceu as pessoas que se empenharam para que esta obra se concretizasse: à sra. Vera da Silva Vieira Paiva e ao arqueólogo Marcelo Gatti, do Departamento de Engenharia Ambiental de Furnas Centrais Elétricas S.A., pelos esforços despendidos junto àquela entidade; ao prof. dr. Hamilton Costa Jr. e ao sr. Gilmar José Ferreira dos Santos, respectivamente, Pró-Reitor de Administração e Prefeito da Cidade Universitária, pela pronta resolução dos problemas enfrentados; à profa. Lúcia Regina Assumpção Montanhini e ao sr. Fabiano Henrique da Cruz, da Funpar, pela condução do processo licitatório; ao prof. dr. José Borges Neto, Diretor do Setor

de Ciências Humanas Letras e Artes; à sra. Tânia Cristina Ribeiro, funcionária administrativa do mesmo Setor, pela criação de espaços temporários no prédio para que as atividades laboratoriais não fossem interrompidas; ao prof. dr. Alberto Ireneu Puppi, Chefe do Departamento de Design, pelos espaços cedidos para acomodação do acervo; aos pesquisadores do CEPA, Eliane Maria Sganzerla, Roseli Santos Ceccon, Jonas Elias Volcov e Eloi Bora e aos estagiários Emerson Cruz Rocha, Fábio Saad e Rodrigo Bichara, pelo empenho e dedicação durante todas as etapas da obra e remontagem dos laboratórios e da reserva técnica. À sra. Sandra Dias Corrêa, agradeço pelas sugestões e orientações prestadas quando da sua atuação junto ao Departamento de Projetos da Funpar. Ao prof. dr. Benito Martinez Rodriguez, Chefe do Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculas, pedi desculpas pelos transtornos ocasionados às suas dependências no período das obras.

O Senhor Diretor do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes falou a seguir, comentando as conquistas espaciais do CEPA, que culminaram com a atual reforma e ampliação. Não deixou de prever, porém, que devido à intensidade das atividades desenvolvidas, dentro de poucos anos haverá necessidade de novamente se pensar em soluções para atendê-lo.

Destacou o papel desempenhado por Furnas Centrais Elétricas S.A. no processo e agradeceu às pessoas que direta e indiretamente colaboraram com o empreendimento.

Ao discursar, o Magnífico Reitor estabeleceu um paralelo entre as obras que aconteceram no CEPA e as do Porão do Prédio Histórico da Praça Santos Andrade, o qual frequentou como aluno de Medicina, em 1976. Abandonado posteriormente, o porão foi recuperado na sua gestão e hoje lá funciona um núcleo de apoio a pessoas com necessidades especiais. A ampliação do CEPA englobou os telhados do Edifício D. Pedro I, criando excelentes condições para a pesquisa arqueológica.

Considerou que a Universidade está em constante expansão e que a resolução dos problemas inerentes a esse processo depende de cada integrante da comunidade universitária.

Finalizou cumprimentando o Diretor do CEPA pela conquista resultante de uma determinação, lamentando que professores universitários tenham que se aposentar compulsoriamente aos 70 anos.

A seguir, foram descerradas as placas alusivas às obras.

O evento mais significativo das comemorações do cinquentenário do CEPA foi o seminário "Trajetórias e Perspectivas da

Arqueologia Brasileira”, realizado entre os dias 3 e 5 de outubro. A sua organização teve início no ano anterior, com a consulta aos eventuais participantes. O seminário objetivava a reunião de professores e alunos dos cursos do Centro, assim como de estagiários que atuaram nas suas pesquisas, para o registro de trajetórias que subsidiassem a compreensão de um momento da arqueologia brasileira.

Associando-se ao Departamento de Antropologia, o encontro planejado foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura como Evento de Extensão Universitária, propiciando o fornecimento de certificados à comunidade estudantil e demais participantes.

Para os dois primeiros dias do conclave foram arrolados os seguintes depoentes: dra. Betty Meggers (Smithsonian Institution – USA), prof. Oldemar Blasi (Museu Paranaense), prof. dr. Pedro Ignacio Schmitz (Instituto Anchieta de Pesquisas – RS), profa. dra. Margarida Davina Andreatta (Universidade de São Paulo), profa. dra. Silvia Maranca (Universidade de São Paulo), profa. dra. Maria da Conceição de M.C. Beltrão (Universidade Federal do Rio de Janeiro), prof. dr. Ondemar Ferreira Dias Jr. (Instituto de Arqueologia Brasileira – RJ), arqueólogo msc. Eurico Th. Miller (Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A.), prof.



***Mesa instalada para abertura do Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira, em 3 de outubro de 2006. Da direita: profa. dra. Edilene Coffaci de Lima, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Christine de Alencar Chaves, Chefe do Departamento de Antropologia, Maria Tarcisa Silva Bega, Diretora do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Igor Chmyz, Diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas e Norma da Luz Ferrarini Zandoná, Vice-Diretora do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.***





***Prof. dra. Betty J. Meggers falando sobre a contribuição do Brasil à interpretação da linguagem cerâmica.***



***Prof. Oldemar Blasi apresentando memória fragmentada sobre a arqueologia no Paraná, nas décadas de 1940, 50 e 60.***



***Prof. dr. Pedro Ignacio Schmitz lembrando a trajetória de um pioneiro.***



***Prof. dr. Arno Alvarez Kern discorrendo em torno das práticas e reflexões arqueológicas de Annette Laming-Emperaire: uma nova “missão francesa” no Brasil.***



***Prof. dra. Margarida Davina Andreatta enfatizando a comemoração do cinquentenário do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas.***



***Prof. dra. Maria da Conceição Moraes Coutinho Beltrão prestando homenagem a José Loureiro Fernandes, um dos maiores incentivadores das pesquisas arqueológicas da Universidade Federal do Paraná.***



***Prof. dra. Silvia Maranca relembando a arqueologia brasileira e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas nos anos 1960.***



***Prof. dr. Ondemar Ferreira Dias Jr. Apresentando a trajetória e perspectiva de um pesquisador brasileiro e a importância do CEPA da UFPR na sua formação e orientação profissional.***



***Prof. dr. Igor Chmyz expando a trajetória e perspectivas de um arqueólogo paranaense.***



***Prof. msc. Celso Perota falando a respeito de “traficantes de técnicas” ou construtores de modelos: trajetória e a visão de um arqueólogo que iniciou sua formação no CEPA.***



***Prof. dr. Marcos A. G. de Matos de Albuquerque, à esquerda, após discursar sobre a contribuição do CEPA para a arqueologia brasileira, entrega ao seu diretor placa alusiva aos 50 anos oferecida pela equipe do laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.***



***Prof. dra. Zulmara Clara Sauner Posse expando a contribuição do CEPA para a ampliação das metodologias arqueológicas no Paraná.***



**Arqueólogo msc. Luis Fernando Erig Lima falando de arqueologias na Bacia Amazônica: contribuições do CEPA/UFPR em experiências acadêmicas de mestrado e doutorado.**



**Arqueólogo msc. Laércio Loiola Brochier comentando sua trajetória na arqueologia brasileira a partir dos estágios na Universidade Federal do Paraná.**



**Arqueóloga dra. Cláudia Inês Parellada abordando a arqueologia no Museu Paranaense e as trajetórias e perspectivas de uma pesquisadora entre 1984 e 2006.**



**Prof. dr. Marcos Albuquerque debatendo a questão da faiança ibérica com integrantes do seminário. Em primeiro plano, coleções de faianças procedentes de sítios escavados pelo CEPA no Paraná.**

msc. Celso Perota (Universidade Federal do Espírito Santo), prof. dr. Marcos A.G. de Mattos de Albuquerque (Universidade Federal de Pernambuco), prof. dr. Igor Chmyz (Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – UFPR), profa. dra. Zulmara Clara Sauner Posse (Universidade Federal do Paraná), arqueólogo Luiz Fernando Erig Lima (doutorando – USP), arqueólogo Laércio Loiola Brochier (doutorando – USP), arqueóloga dra. Cláudia Inês Parellada (Museu Paranaense) e arqueólogo Julio Cezar Telles Thomaz (pós-graduando – URI).

Os depoimentos prestados pelos que compareceram integram este volume, obedecendo a ordem de apresentação.

O terceiro dia foi dedicado à discussão sobre a Faiança Ibérica no Brasil, com apresentações de Marcos Albuquerque, Ondemar Ferreira Dias Jr., Margarida Davina Andreatta e Igor Chmyz, seguidas

por debates entre os expositores e público presente. As falas desta sessão, assim como as dos dias anteriores foram gravadas e transcritas posteriormente.

Ao instalar o seminário, o seu coordenador proferiu o seguinte discurso:

*Neste ano o CEPA comemora o seu cinquentenário de Fundação. Foi estruturado pelo saudoso Catedrático de Antropologia da Universidade do Paraná, prof. dr. José Loureiro Fernandes. Estava vinculado ao Instituto de Pesquisas da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A criação do CEPA em 1956, por meio da Portaria nº 898, assinada pelo Reitor Flávio Suplicy de Lacerda, representou a consolidação de um projeto acalentado por Loureiro Fernandes desde as décadas anteriores quando, juntamente com outros catedráticos da Faculdade de Filosofia do Paraná, reestruturava o Museu Paranaense, e sob a égide desta instituição, iniciava estudos nos sítios arqueológicos paranaenses e esboçava os primeiros instrumentos legais em defesa dos sambaquis e dos locais onde floresceram as reduções jesuíticas e vilas espanholas. A promulgação da Lei nº 33/48 e do Decreto-Lei nº 1.346/51, tratando daqueles sítios históricos e pré-históricos no âmbito estadual, representaram a concretização dos seus esforços. Loureiro Fernandes integrou também, anos depois, o grupo que elaborou a minuta da Lei nº 3.924/61, a que dispõe sobre os sítios arqueológicos brasileiros.*

*Em 1951, um ano após a federalização da Universidade do Paraná, o Instituto de Pesquisas, ainda sediado no Círculo de Estudos Bandeirantes e onde também estava a Faculdade de Filosofia, promoveu o primeiro estudo de sítio arqueológico no planalto paranaense. O histórico corte-estratigráfico praticado no sítio do Estirão Comprido, na margem do rio Ivaí, foi executado por Loureiro Fernandes, Arthur Barthelmess, Oldemar Blasi, Aryon Dall'Igna Rodrigues e André Meyer.*

*Em 1952, Loureiro Fernandes conseguiu a contratação do exilado político Adam Orssich de Slávetich, experiente arqueólogo iugoslavo para que, em companhia de sua esposa Elfriede Stadler Orssich, também arqueóloga, realizasse escavações no Sambaqui do Araújo II, em Guaratuba. As pesquisas do casal Orssich foram acompanhadas por Fernando Corrêa de Azevedo, Oldemar Blasi e Aryon Dall'Igna Rodrigues. Iniciava-se, assim, na Universidade do Paraná, a formação de arqueólogos brasileiros, o projeto mais importante de Loureiro Fernandes nesta área.*

*Devido, principalmente, ao prosseguimento das pesquisas no Estirão Comprido, Loureiro Fernandes fundou no Instituto de Pesquisas,*

em 1954, a Seção de Arqueologia, convidando o prof. Fernando Altenfelder Silva, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, para chefiá-la e coordenar as escavações programadas.

Anteriormente, em 1953, a proposta de criação da Cátedra de Arqueologia Pré-Histórica feita pela Cátedra de Antropologia foi aprovada pelo Conselho Técnico Administrativo da Universidade e pela sua Congregação. Ao comunicar o fato aos participantes do 31º Congresso Internacional de Americanistas, em São Paulo, em 1954, do qual emanou a moção encarecendo aos poderes competentes do país a importância da Cadeira de Arqueologia Pré-Histórica nas faculdades de filosofia das universidades brasileiras, tal proposição recebeu ponderações da CAPES em relação ao risco da sua criação sem que se dispusesse de profissionais competentes para o exercício da função.

Recebendo a incumbência e o apoio da CAPES para a organização de um centro de ensino e pesquisas que propiciasse a formação de arqueólogos, Loureiro Fernandes, contando também com o respaldo da Universidade do Paraná e do CNPq, empenhou-se na sua estruturação, sendo o CEPA criado, como foi dito, em 1956. Em fevereiro de 1957 realizou-se a primeira reunião do Conselho Técnico-Administrativo do CEPA. A ata foi assinada pelos professores José Loureiro Fernandes, eleito Diretor do CEPA, Fernando Altenfelder Silva, Luiz de Castro Faria e Paulo Duarte. Nela foi detalhado o programa do Curso de Arqueologia Pré-Histórica que seria ministrado em seguida e, em função dele, a escolha dos sambaquis da Ilha dos Ratos e Guaraguaçu e do sítio de José Vieira, para as aulas práticas.

Joseph Emperaire e Annette Laming, arqueólogos franceses do Museu do Homem, coordenaram o curso. Ambos já estavam no Paraná, convidados por Loureiro Fernandes para estudar sambaquis e sítios do planalto, como as pinturas rupestres da Escarpa Devoniana, em Piraí do Sul.

Quarenta e oito alunos freqüentaram o curso estruturado em três partes: teoria, pesquisas de campo e análises de laboratório. Receberam certificado de freqüência os que participaram da primeira e se submeteram às provas escrita e oral; aos que freqüentaram todo o curso e se submeteram também à prova prática, foram conferidos certificados de aproveitamento.

Após a trágica morte de Joseph Emperaire na Patagônia Chilena, em 1958, Annette continuou colaborando com os cursos do CEPA.

A parte teórica do Curso de Arqueologia Pré-Histórica dos primeiros anos foi transformada em disciplina e incorporada ao Departamento de Antropologia no início da década de 1960. Os cursos

*de formação do CEPA, passaram a ser mais específicos, enfocando a pré-história americana, ambiente e cultura e técnicas de escavação e análise aplicáveis a sítios pré-cerâmicos e cerâmicos. Esses cursos foram coordenados por Wesley R. Hurt, da Universidade de South Dakota, Oldemar Blasi, do Museu Paranaense, Luiz de Castro Faria, do Museu Nacional, Peter P. Hilbert, do Museu Goeldi e Clifford Evans e Betty J. Meggers, do Smithsonian Institution, todos contando com a participação de graduados paranaenses e de outros estados brasileiros, alguns dos quais aqui se encontram.*

*O curso coordenado por Annette Laming-Emperaire em 1973 reuniu, também, interessados do Equador, Colômbia e França.*

*A par do conhecimento gerado pelas abordagens nos sítios-escola, cuja produção passou a ser divulgada por meio do periódico Arqueologia do CEPA e outros veículos do país e exterior, os cursos possibilitaram a elaboração, pelos seus coordenadores e alunos, de manuais técnicos e projetos de pesquisa de longa duração, como o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, idealizado durante o curso prelecionado por Evans e Meggers, em 1964.*

*O ano de 1964 marca, também, o direcionamento do CEPA na prática do salvamento arqueológico em áreas impactadas por empreendimentos hidrelétricos no Paraná e outros estados. Representando projetos de longa duração e abrangendo amplos espaços geográficos, às vezes desenvolvidos simultaneamente em diferentes áreas, essa prática diminuiu a intensidade dos cursos. Os trabalhos de salvamento, entretanto, sempre contaram com a participação de alunos da disciplina de Arqueologia Pré-Histórica e outras posteriormente criadas no Departamento de Antropologia, possibilitando-lhes o aprofundamento, na prática de campo e laboratório, do conhecimento teórico. Vários desses estagiários, alguns aqui presentes, depois cursaram pós-graduação em arqueologia. Outros, ainda, como pesquisadores-associados engajaram-se aos projetos aqui estruturados.*

*Entre 1975 e 1985, em consequência da reforma das universidades brasileiras do final da década de 1960, o CEPA enfrentou um período de incertezas. Com a extinção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e do seu Instituto de Pesquisas, o CEPA, para se adequar à nova estrutura, deveria se transformar em Órgão Suplementar. Nesta situação, porém, desde 1972, estava o Museu de Arqueologia e Artes Populares fundado por Loureiro Fernandes em Paranaguá caracterizando-se, para os administradores a duplicidade de funções. O CEPA foi despejado das instalações que ocupava desde 1968, na ausência de seu responsável, que se encontrava com toda a equipe em pesquisas na área da UHE Itaipu, fato que repercutiu na*

*mídia brasileira e causou espanto até na diretoria da Itaipu Binacional, a financiadora do salvamento. Em 1985, finalmente, o CEPA foi reestruturado como Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, vinculando-se ao Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes e reconquistando o espaço anterior.*

*Nesse período turbulento é que foram desenvolvidos vários projetos de salvamento, como os das áreas da UHE Itaipu, no rio Paraná, UHE Foz do Areia e UHE Salto Santiago, no médio rio Iguaçu.*

*Ao finalizar este breve histórico, desejo reverenciar a memória de Mário Ferreira Simões, João Alfredo Rohr, Valentin Calderón, Lílian Tavares Cheuíche, Lehel de Silimon e Fernando La Salvia, primeiros alunos dos cursos do CEPA e de José Loureiro Fernandes, Adam e Elfriede Orssich, Annette e Joseph Emperaire, Wesley R. Hurt, Luiz de Castro Faria, Fernando Altenfelder Silva, Peter Paul Hilbert e Clifford Evans, nossos primeiros professores. Uma homenagem especial presto a Pedro Augusto Mentz Ribeiro, recentemente falecido e que figurava na programação original deste evento. Todos permanecem em nossa memória, nos escritos que nos deixaram e nos ensinamentos que nos transmitiram.*

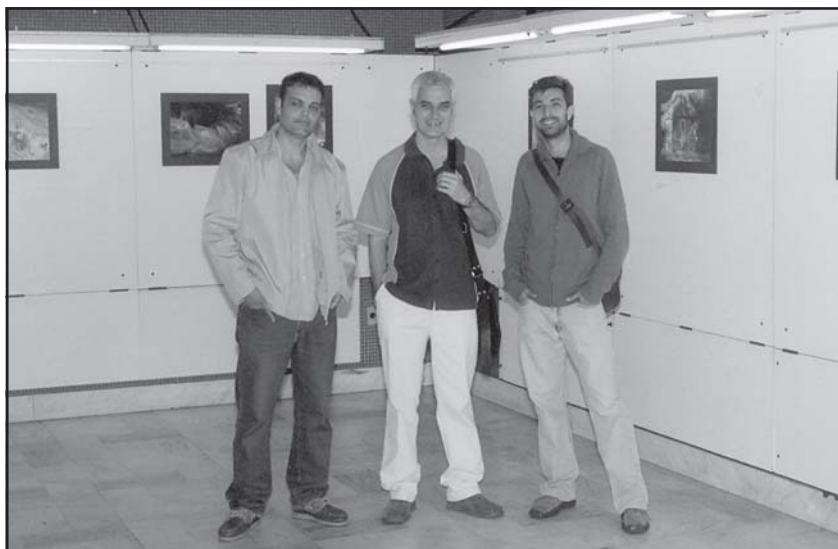
*Aos que aqui estão retornando, o CEPA e o Departamento de Antropologia desejam uma boa estada e que suas falas contribuam para a perpetuação de uma importante fase da arqueologia brasileira.*

*Este seminário conta com o patrocínio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a colaboração do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes; em nome da comissão organizadora externo meus agradecimentos a todos que colaboraram, especialmente ao prof. dr. José Borges Neto diretor do Setor na época do planejamento e à profa. dra. Tarcisa Silva Bega atual diretora, assim como aos pesquisadores associados do CEPA, Eliane Maria Sganzerla, Roseli Santos Ceccon, Jonas Elias Volcov e Eloi Bora e ao sr. Osvanir de Andrade, secretário do DEAN.*

*Creio ser pertinente, ainda, a menção de parte da mensagem recebida em 26 de setembro último ano do conceituado lingüista Aryon Dall’Igna Rodrigues, um dos primeiros integrantes das pesquisas de arqueologia promovidos pela Universidade do Paraná na década de 1950, hoje na Universidade de Brasília: “Agradeço o envio do excelente programa de comemorações dos 50 anos do CEPA, que depois de tantos anos consegue reunir quase integralmente a primeira grande equipe de arqueólogos brasileiros num evento que, além de justamente homenagear algumas personalidades-chave dos anos 50 e 60, certamente permitirá um novo balanço das atividades arqueológicas iniciadas no Paraná e irradiados para outras áreas do Brasil, ao longo*



**Abertura da exposição Arte Pré-Histórica Brasileira durante o Seminário Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira.**



**Organizadores da exposição Arte Pré-Histórica Brasileira. Da esquerda: economista Walter Ricardo Klass, artista plástico João Nei de Almeida Barbosa e jornalista André Zielonka.**

*de anos e através das mudanças paradigmáticas por que foi passando a pesquisa arqueológica”.*

Durante o evento Trajetórias e Perspectivas da Arqueologia Brasileira, outras atividades foram desenvolvidas. Uma exposição sobre Arte Pré-Histórica Brasileira foi inaugurada na Sala Arte, Design & Cia.



Os painéis fotográficos expostos representam uma pequena parcela da vasta produção de três profissionais não vinculados à arqueologia. Retratadas por um artista plástico, um jornalista e um economista, as pinturas rupestres relacionam-se a contextos culturais pré-históricos situados nos estados do Paraná, Minas Gerais e Piauí. Embora dedicados às suas carreiras em Curitiba, foram eles tocados pela força das sinalizações documentadas.

O primeiro deles, João Nei de Almeida Barbosa, percorreu a Escarpa Devoniana do Paraná em 2003, fotografando pinturas e gravações de abrigos sob-rocha, revisitando locais estudados por Joseph Emperaire e Annette Laming em 1956, Oldemar Blasi na década de 1960 e Igor Chmyz em 1976. Registrou, também, novas sinalizações. Produziu, em 2004, o livro *Arte Rupestre, a História que a Rocha não Deixou Apagar* (Curitiba: Arcádia).

O segundo, André Zielonka, jornalista e professor da PUC-PR, ao realizar trabalhos na região de Montalvânia, no norte de Minas Gerais, em 2005, deparou-se com as representações lá existentes, passando a documentá-las.

O terceiro expositor, o economista Walter Ricardo Klass, fotografou pinturas rupestres na área do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, em 2001. Em decorrência dessas experiências, Klass frequentou posteriormente disciplinas de arqueologia ofertadas pela Universidade Federal do Paraná.

Os três fotógrafos, ao selecionarem as imagens para a exposição, destacaram algumas com explícitos sinais de vandalismo a que esse patrimônio está sujeito.

A exposição contou com a colaboração das empresas Ibiza, Igeplan e Rugik, que ofereceram os suportes fotográficos e processaram as ampliações a custos reduzidos.

O lançamento dos volumes 9 e 10 do periódico *Arqueologia* também ocorreu por ocasião do Seminário. O primeiro deles reuniu 6 contribuições de Eliane Maria Sganzerla, Jonas Elias Volcov, Eloi Bora e Igor Chmyz para a arqueologia dos estados do Amapá e Pará. Resultaram de abordagens vinculadas a estudos de impacto ambiental de empreendimentos rodoviários e florestais.

O segundo volume divulgou um exercício de reconstrução virtual da antiga Igreja Matriz de Curitiba, demolida no século XIX e da qual se possui escassa iconografia. José e Lara Kozan são os autores do artigo. Outro, desenvolvido por José La Pastina Filho, abordou o imaginário relacionado à produção das telhas coloniais “nas coxas das escravas”. Almir Pontes Filho, Cristina Carla Klüppel e Julio Cezar Telles

Thomaz produziram um artigo sobre o Caminho Colonial do Itupava. O último artigo, de Igor Chmyz, foi uma reimpressão de José Loureiro Fernandes e a Arqueologia Brasileira, que integrou, em 2000, uma coletânea de circulação restrita. Foi revisto e ampliado.

No final da tarde do segundo dia do encontro, no corredor interno do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, foi inaugurada a “Galeria dos Professores de Arqueologia na Universidade Federal do Paraná”. Os quadros foram dispostos conforme a ordem de surgimento, embora alguns dos professores continuassem, nos anos seguintes, a prestar a sua colaboração no ensino e pesquisa. O prof. **José Loureiro Fernandes** abordava temas de arqueologia em suas aulas de Antropologia e Etnologia desde a federalização da Universidade em 1950. Convidados por ele, os arqueólogos **Adam Orssich de Slavetich** e **Elfriede Stadler Orssich** encarregaram-se do ensino teórico e prático junto às escavações do Sambaqui do Araújo II, em 1952. O arqueólogo **Fernando Altenfelder Silva**, contratado para a seção de Arqueologia do Instituto de Pesquisas em 1954, coordenou várias pesquisas, principalmente a do sítio Estirão Comprido. Participou da criação do CEPA, compondo o primeiro Conselho Técnico-administrativo. Os arqueólogos **Joseph Empeaire** e **Annette Laming** começaram estudando sítios no litoral e interior do Paraná, em 1956 (sambaquis



***Inauguração da Galeria dos Professores de Arqueologia na Universidade Federal do Paraná, no corredor interno do CEPA.***

da Ilha do Corisco e da Ilha dos Ratos e abrigos-sob-rocha com pinturas), desempenhando importante papel também na consolidação do CEPA. Após a trágica morte de **Joseph Emperaire** em 1958, **Annete Laming-Emperaire** continuou, até 1973, participando de pesquisas e cursos do Centro. O arqueólogo **Wesley R. Hurt**, coordenou pesquisas no Sambaqui do Macedo em 1958 e de um curso de Arqueologia Pré-Histórica da América que foi concluído no ano seguinte. O prof. **Oldemar Blasi**, que acompanhou as pesquisas de Adam e Elfriede Orssich, Joseph e Annete Laming-Emperaire, Fernando Altenfelder Silva e Wesley R. Hurt, ministrou aulas durante o curso do último. Desenvolveu pesquisas sob a égide do CEPA, como as de Três Morrinhos e da Villa Rica del Espíritu Santo, sendo o seu primeiro secretário. O arqueólogo **Peter Paul Hilbert** lecionou o curso de Arqueologia da Bacia Amazônica, em 1959. Em 1959 também, o antropólogo **Luiz de Castro Faria**, participando de um curso multidisciplinar intitulado Arqueologia e Ciências Afins, encarregou-se da Teoria e Método em Arqueologia. Em 1964, dez anos após o primeiro convite, os arqueólogos **Clifford Evans** e **Betty J. Meggers** coordenaram um curso sobre análise e interpretação de cerâmica arqueológica. Participantes desse curso integraram, no ano seguinte, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, dois dos quais eram ligados ao CEPA.

Outros arqueólogos transmitiram seus conhecimentos na Universidade, como Juan Comas, José Maria Cruzent e Bosh Gimpera, mas na forma de conferencistas.

No período da noite do mesmo dia, reunido pública e solenemente na Sala Homero de Barros, o Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná outorgou títulos de Doutor **Honoris Causa** a Betty J. Meggers e de Professor **Honoris Causa** a Oldemar Blasi.

Declarada aberta a sessão, o Diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas falou sobre a homenageada Betty J. Meggers:

*Excelentíssima Vice-Reitora da Universidade Federal do Paraná no exercício da Reitoria, Professora Doutora Márcia Helena Mendonça, Excelentíssima Doutora Maria Tarcisa Silva Bega, Diretora do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Excelentíssima Doutora Betty Meggers, homenageada, Excelentíssimo Professor Oldemar Blasi, homenageado, Excelentíssimos Membros do Conselho Universitário, Senhoras e Senhores.*

*A profa. dra. Betty J. Meggers é Pesquisadora Associada do Departamento de Antropologia no Museu Nacional de História do Smithsonian Institution, em Washington, Capital dos Estados Unidos*

da América, desde 1954. Na Universidade de Columbia, em 1952, realizou o seu doutoramento. Desempenhou funções como secretária-executiva, administradora e consultora de importantes instituições americanas. Participou e participa de comitês em organismos voltados à ciência, tecnologia e cultura em vários países da América, inclusive no Brasil. Fundou a Taraxacum Inc., em 1979, editando manuais técnicos e livros de arqueologia.

Coordenou, em 1964, um dos mais importantes cursos promovidos pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas na Universidade do Paraná porque, além do conhecimento transmitido, nele foi concebido um projeto de pesquisa integrado que permitiu a primeira radiografia da arqueologia brasileira. Esse curso contou, também, com a coordenação do saudoso prof. dr. Clifford Evans, Chairman da instituição citada e esposo da profa. Betty Meggers.

O prof. dr. José Loureiro Fernandes, Catedrático de Antropologia desta Universidade, ao fundar o CEPA em 1956, já tinha em mente convidar o ilustre casal para um dos cursos de formação de arqueólogos. Esta era uma das metas da novel instituição surgida graças aos esforços do prof. Loureiro e ao apoio que recebeu da Universidade do Paraná, da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e do Conselho Nacional de Pesquisas.

Os profs. Evans e Meggers haviam executado, no final da década de 1940, intensas pesquisas arqueológicas na foz do rio Amazonas e, com a aplicação de uma nova metodologia de análise e interpretação, conhecida como Método Ford, periodizado a ocupação humana pretérita naquele espaço geográfico brasileiro. O prof. Loureiro, atento aos avanços da ciência e desejando difundi-los nos cursos que planejava, ao encontrá-los em São Paulo, em 1954, por ocasião do 31º Congresso Internacional de Americanistas, fez-lhes o primeiro convite.

Não foi possível ao casal atender, simplesmente porque o curso pretendido não teria clientela. Não havia arqueólogos no Brasil capazes de assimilar o conhecimento que seria proporcionado.

Até aquela época o prof. Loureiro já havia dado alguns passos no sentido da formação de arqueólogos, mas não eram suficientes. Em 1951, sob a égide do Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, realizara pesquisas no sítio do Estirão Comprido, na margem do rio Ivaí, acompanhado por Arthur Barthelmess, Aryon Dall'Igna Rodrigues, Oldemar Blasi e André Meyer. No ano seguinte, com a contratação do arqueólogo Adam Orsich de Slávetch, exilado político iugoslavo, promovera escavações no Sambaqui do Araújo II, em Guaratuba, que contaram com a participação de Fernando Corrêa de Azevedo, Oldemar Blasi e Aryon Dall'Igna

*Rodrigues. Para agilizar os projetos seguintes criou, em 1954, no mesmo Instituto, a Seção de Arqueologia, coordenada pelo prof. Fernando Altenfelder Silva, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Novas pesquisas foram, então, realizadas com a afluência de interessados.*

*O prof. Loureiro não havia esmorecido com relação ao casal Evans, renovando periodicamente o convite. Com a fundação do CEPA, em 1956, e a estruturação de cursos formais, com aulas teóricas e práticas prelecionadas por arqueólogos e antropólogos estrangeiros e nacionais, foi possível aos Evans atendê-lo.*

*Esse curso intensivo reuniu 15 graduados de onze estados brasileiros, muitos deles oriundos dos cursos anteriores do CEPA. Serviram de base para as práticas laboratoriais coleções procedentes do vale do rio Paranapanema, reunidas por membro do Centro. É importante mencionar que essas pesquisas, realizadas em trecho fortemente impactado por empreendimento hidrelétrico, direcionaram o CEPA para a prática do salvamento arqueológico nos anos seguintes.*

*O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Pronapa, esboçado durante o curso ministrado pelos profs. Evans e Meggers foi implantado em 1965 e passou a ser desenvolvido nos estados de origem dos seus participantes. Sob a coordenação científica do casal e técnica de um dos alunos pertencente a uma instituição vinculada ao CNPq, todos tiveram autonomia no planejamento e execução dos trabalhos. Publicações anuais relatavam o andamento e reuniões periódicas, realizadas por ocasião de conclaves científicos na Argentina e Peru, ou programados em Belém e Washington D.C., serviam para discussão de metodologias, terminologia e resultados.*

*Esse programa, que até 1970 possibilitou o conhecimento arqueológico de grande parte do território brasileiro, foi financiado pelo Smithsonian Institution, co-patrocinado pelo conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e homologado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.*

*Em 1977, nos moldes do Pronapa, os profs. Clifford e Betty implantaram o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia amazônica, reunindo alguns profissionais daquele.*

*As atividades do CEPA sempre foram acompanhadas pelo distinto casal e a eles são devidas mais de cem datações pelo método do carbono-14, entre as quais, a recentemente obtida para sítio registrado em área de salvamento arqueológico financiado por Furnas Centrais Elétricas S.A., que recua a ocupação humana do Paraná a 9800 anos. Enriqueceram a biblioteca especializada do CEPA, com o envio de suas obras e as de outros autores. Esta não é uma atitude particular em relação à nossa instituição, pois, com a mesma atenção e*

*carinho sempre foram tratados os arqueólogos latino-americanos, como colegas enfim. Com o advento da Internet, os contatos com a dra. Betty, para a troca de idéias e esclarecimento de dúvidas, tornaram-se mais rápidos e freqüentes.*

*Lembro-me que, no início da década de 1960, quando ainda cursava Geografia e História nesta Universidade, fascinado com a metodologia que adotavam e, curioso quanto ao seu funcionamento, mandei-lhes uma correspondência. Deles recebi, além da famosa publicação sobre as pesquisas na foz do rio Amazonas, de 1957, uma carta com as explicações possíveis.*

*Das pesquisas de campo que a profa. Betty realizou com o prof. Clifford Evans no Brasil, Guiana, Equador, Venezuela, Peru e República Dominicana, resultaram obras referenciais apesar de décadas transcorridas. Incluindo estudos metodológicos e teóricos, sua produção ultrapassa a 300 títulos. E a dra. Betty Meggers continua produzindo incansavelmente, como se cada tema abordado fosse o primeiro de sua carreira.*

*O reconhecimento à sua contribuição para a ciência pode ser medido pelos 31 prêmios e títulos honoríficos que vem recebendo desde 1956, nos Estados Unidos da América, Brasil, Chile, Equador, Peru e Cuba.*

Após o recebimento do título, a profa. dra. Betty J. Meggers agradeceu a homenagem:

*Estou muito honrada pelos elogios que acabam de pronunciar, mas estou consciente de que representam só um aspecto do assunto. Primeiro, porque só se pode ajudar quem se esforça e se dedica para aproveitá-la. O pouco que eu contribuí, foi por eles aumentado muitas vezes e os avanços da arqueologia nas últimas décadas não aconteceriam sem os seus esforços. Foi um privilégio para mim ter podido colaborar.*

*Segundo, tenho que reconhecer e agradecer a persistência do prof. José Loureiro Fernandes, fundador do CEPA, que nos convidou para ministrar um seminário de teoria arqueológica, classificação e interpretação de cerâmica arqueológica, em Curitiba e Paranaguá, em 1964. Sem esta fundamentação metodológica uniforme, não seria possível a criação, em 1965, do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, que, em cinco anos, revolucionou o conhecimento da pré-história da costa do Brasil. Paralelamente às realizações científicas, o seminário de Curitiba e Paranaguá criou amizades únicas com colegas brasileiros, alguns aqui presentes. Mesmo que eu falasse bem o português, não poderia agradecer suficientemente o apoio que eles me*

*prestaram durante as últimas décadas.*

*Por estas razões e porque na Smithsonian como aqui, o santo da casa não faz milagres, estou muito grata aos representantes da Universidade Federal do Paraná que aprovaram e me concederam este título de Doutor **Honoris Causa** e, especialmente, ao meu irmão de Curitiba-Paranaguá, Igor Chmyz, pela sua colaboração durante os últimos 50 anos.*

Voltando a falar, o Diretor do CEPA, apresentou o prof. Oldemar Blasi:

*O prof. Oldemar Blasi é um dos pioneiros da arqueologia brasileira e desempenhou importante papel na fase de implantação dos cursos de formação de arqueólogos nesta Universidade.*

*Nascido na cidade paranaense de Ponta Grossa, o prof. Blasi concluiu o seu curso de Geografia e História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná em 1951. Manifestando seu interesse pela pesquisa nos campos da antropologia e arqueologia, foi imediatamente indicado pelo prof. dr. Loureiro Fernandes para supervisionar atividades ligadas aos sambaquis do litoral paranaense em função do Decreto estadual nº 1.346. Esse decreto disciplinador, devido ao incansável esforço do prof. Loureiro em prol dos sítios arqueológicos, foi pioneiro, no gênero, no país.*

*O prof. Blasi integrou a equipe que, em 1952, coordenada por Adam Orssich de Slávetich, realizou a primeira escavação sistemática em sambaqui marcando, na Universidade do Paraná, o início da formação de arqueólogos brasileiros.*

*Indicado pelo prof. Loureiro, também, o prof. Blasi chefiou a Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico da então Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, entre 1953 e 1956.*

*Chefiou a Seção de Arqueologia e História do Museu Paranaense, entre 1960 e 1967 tornando-se, de 1967 a 1983 o diretor daquela secular Casa de Ciência e Cultura.*

*Como membro do Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, prestou sua colaboração em vários períodos, inclusive na atual composição.*

*O prof. Oldemar Blasi não pertenceu ao corpo de docentes desta Universidade, situação comum a quase todos os que aqui ensinaram arqueologia. O prof. Loureiro, Catedrático da Casa, transmitia aos seus alunos noções de arqueologia dentro dos programas de Antropologia e de Etnologia e Etnografia do Brasil. Os que por aqui passaram foram contratados para ministrar cursos intensivos de arqueologia; eram em*

*geral professores e pesquisadores estrangeiros e nacionais detentores de métodos e técnicas avançadas. Desta forma, o prof. Blasi integrou-se aos cursos iniciais.*

*Na década de 1950 e até princípios da seguinte, a administração do Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia ocupava as instalações dos Irmãos Maristas, na rua XV de Novembro, o mesmo sucedendo em 1954, quando foi criada a Seção de Arqueologia e, em 1956, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. As análises laboratoriais, em decorrência das pesquisas de campo que começaram em 1951, no sítio do Estirão Comprido e continuaram em ritmo acelerado nos anos seguintes, transcorriam no Museu Paranaense. Mesmo com a inauguração do Edifício D. Pedro I, em 1958, quando o CEPA instalou a sua administração no 6º andar, as práticas laboratoriais lá continuavam. Isto porque tudo girava em torno do Catedrático Loureiro Fernandes. Para ele, a Faculdade de Filosofia, o Museu Paranaense, o Círculo de Estudos Bandeirantes e o Museu de Arqueologia e Artes populares que estava montado em Paranaguá, estavam interligados.*

*Quando cheguei em Curitiba, em 1959, para continuar meus estudos, procurei o prof. Oldemar Blasi no Museu Paranaense. Eu o conhecera no ano anterior, quando depusitei, naquele Museu peças que havia recolhido nas ruínas de Ciudad Real del Guayrá, situadas na margem do rio Paraná. Informei-lhe, então, que desde 1955 eu coletava peças em um abrigo-sob-rocha que encontrara em União da Vitória, minha cidade natal. No mesmo ano de 1958 conduzi o Prof. Blasi, juntamente com o arqueólogo norte-americano Wesley R. Hurt e José Wilson Rauth até o abrigo informado. Fiquei sabendo que Hurt estava coordenando um curso de arqueologia no CEPA, do qual o prof. Blasi era secretário. Fiquei sabendo, ainda, que o prof. Blasi havia participado de pesquisas coordenadas por arqueólogos estrangeiros em sambaquis e sítios com pinturas rupestres no Paraná e na famosa Lagoa Santa em Minas Gerais. Com Hurt e o casal Evans estagiara nos USA, em 1957.*

*No Museu Paranaense, em 1959, fui convidado pelo prof. Blasi para acompanhá-lo nas pesquisas que o CEPA patrocinava junto às ruínas de Villa Rica del Espírito Santo, existentes na margem do rio Ivaí. Foi o início do meu aprendizado. Além do levantamento topográfico das ruínas e escavações que lá realizamos, abordamos o sítio arqueológico de J. Lopes. Ao publicá-lo, em 1963, o Prof. Blasi me tornou seu co-autor. Convidado pelo prof. Loureiro, passei a freqüentar o Departamento de Antropologia, ajudando-o na montagem do Museu de Arqueologia e Artes Populares e participando dos cursos do CEPA. Os contatos com o prof. Blasi diminuíram, mas, penso agora, deveriam*



*ter continuado mais intensos.*

*A partir de 1963 o prof. Blasi consagrou-se ao Museu Paranaense, dedicando-se à administração e à execução de pesquisas no Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Rondônia. Das suas pesquisas, resultaram várias publicações e relatórios técnicos. Muito do que produziu foi transmitido em reuniões científicas, das quais participa no país e no exterior.*

*Devido à sua experiência, tem sido solicitado para integrar conselhos e comissões no país e no exterior.*

Em seguida, o prof. Oldemar Blasi expressou o seu agradecimento:

*Autoridades já mencionadas, membros do Conselho Universitário, Doutora Betty J. Meggers, minhas senhoras e meus senhores.*

*Agradeço primeiramente ao prof. dr. Igor Chmyz por ter-me indicado para o recebimento do título de Professor **Honoris Causa**. Sinto-me honrado agora, no topo da minha existência. Alegro-me o espírito o fato de que o meu desempenho em prol do ensino e a difusão da educação e da cultura por dezenas de anos a centenas de alunos desde os cursos primários aos universitários, tenha sido reconhecido por esta instituição.*

*Aliado ao ensino curricular, foi-me ainda possível disponibilizar tempo para estudar e divulgar as ciências antropológicas, principalmente a arqueologia. Foi, pois, esse mixto de professor e pesquisador que certamente pesou na decisão do Conselho Universitário desta Universidade Federal do Paraná a conceder-me este distinguido diploma.*

*Muitos mestres eu tive, imensos foram os ensinamentos que me transmitiram; por isso a eles cabe ponderável parte da honraria. Partilho-a, também, com meus familiares e com aqueles colegas e amigos que firmemente me apoiaram e incentivaram a jamais esmorecer principalmente perante as dificuldades inerentes à vida profissional.*

*Eu agradeço a todos por tudo que me proporcionaram. Quero externar, ainda, a minha imensa gratidão a esta Universidade, que é a primeira do Brasil por incluir, entre os seus consagrados mestres, este seu modesto ex-aluno na galeria daqueles que ajudaram a manter sempre elevado o conceito desta tradicional casa de educação, ciência e cultura.*

Encerrando a cerimônia, a profa. dra. Márcia Helena Mendonça falou sobre as homenagens concedidas e sobre o papel da Universidade

na sociedade paranaense:

*Estamos aqui reunidos para a outorga dos Títulos de Doutor **Honoris Causa** e Professor **Honoris Causa** a Betty Meggers e Oldemar Blasi, cujas obras grandiosas foram relatadas brilhantemente pelo prof. Igor Chmyz. Mas a mim, coube falar sobre a outorgante, falar sobre a Universidade Federal do Paraná.*

*A UFPR, a mais antiga universidade brasileira, constitui hoje um universo em si mesma. Um universo sim, de saberes e de diversidades. Mas, essencialmente, somos um universo de seres humanos, com sonhos e realizações, conflitos e esperanças.*

*E a magnitude deste universo sempre crescente, ultrapassa a marca de 40 mil pessoas, entre o corpo docente, técnico administrativo e estudantil em todos níveis acadêmicos. Ao considerarmos a comunidade atendida pelos projetos de extensão e iniciativas em educação a distância, facilmente atingiríamos cifras superiores a 60 mil. E a assistência a toda a população do estado pelo complexo hospitalar universitário, transcende a capacidade de cálculo, tornando a abrangência da instituição difícil de estimar.*

*Em acréscimo a este expressivo contingente numérico, somos geograficamente dispersos. Atuamos em inúmeras regiões de Curitiba, em diferentes campi, além de mantermos unidades e estações experimentais no litoral e em uma série de municípios no interior do Estado do Paraná.*

*Mas posso afiançar que, não obstante a heterogeneidade intrínseca, nossa missão é unificada. Norteia-mo-nos por manter uma universidade em sua mais pura acepção, e intentamos fazê-la pública, gratuita, de qualidade referencial e com políticas claras de compromisso social.*

*Professamos a crença de que, firmemente alicerçados na indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, devemos ofertar aos nossos estudantes, em todos os aspectos, um padrão de excelência que lhes permita ter orgulho da formação humana, técnica e cidadã que receberam.*

*Desejamos que ao se despedir de nossas salas de aula e laboratórios, reflitam os valores de nossa instituição, traduzindo o saber universitário em instrumento de transformação da sociedade, assumindo responsabilidade sobre o seu futuro, como nós o fizemos no passado e fazemos no presente.*

*Propugnamos, e buscamos agir assim de acordo, pela inclusão social e cultural das classes menos favorecidas, das minorias étnicas, dos portadores de necessidades especiais e de todos aqueles a quem*

*possamos vir a ser um caminho para a conquista da plena cidadania.*

*Buscamos manter úteis e utilizáveis todas as nossas dependências, todas as nossas vagas e todo o nosso potencial, para que não haja desperdício do tempo e dos recursos públicos. E temos logrado, ainda que com o sacrifício de muitos, de quase todos, transpor as múltiplas dificuldades enfrentadas pelas universidades públicas brasileiras, continuando a perseguir o cumprimento de nosso papel na construção de um projeto de nação mais justa, digna e soberana.*

*Mas, confesso. Gerir e administrar esse gigante não são tarefas fáceis. Lutar pelos interesses coletivos transpondo a demasiada preocupação com o “eu” expressa pelos que buscam o êxito a qualquer custo em caminhos eivados de desrespeito ao próximo, enfrentar a ausência de sensatez no julgamento da verdade, conviver com as vaidades, com a soberba, com a acomodação e com a falta de compromisso institucional de muitos requer uma vontade férrea e um propósito inamovível da construção de um bem maior: a UFPR.*

*Porém, há momentos em que, mesmo em face de tudo isso, sentimos um verdadeiro refrigério e temos a oportunidade de desfrutar momentos de rara elevação do espírito e significativa gratificação pessoal.*

*Este é um desses momentos.*

*Porque há pessoas que, decididamente, fazem a vida e todo o esforço valerem a pena. Pessoas que por suas atividades, por seus valores, por suas atitudes, por suas obras, por sua dedicação, devem merecer da comunidade universitária o reconhecimento inequívoco de seus méritos.*

*Cumprir esse papel é um dos maiores prazeres que nos são concedidos.*

*Nesta noite temos a honra e a satisfação de prestar nosso respeito e nossa admiração por dois seres humanos do mais alto jaez, cujas trajetórias de vida exemplares, os fazem dignos de todos os encômios e da mais alta homenagem que essa UFPR pode e deve prestar, destacando-os como Doutor e Professor **Honoris Causa**: Betty Meggers e Oldemar Blasi.*

*Mas devo, por dever de ofício e máximo orgulho, asseverar que essas honrarias são parcimoniosamente concedidas e tem sido outorgadas a ilustríssimas e exclusivas personalidades, entre as quais me permito destacar pessoas da nomeada de um Helmut Engler, um Adolfo Perez Esquivel, Helena Kolody, Zilda Arns Neumann, um Dalmo de Abreu Dallari ou um Ivo Pitanguy.*

*Não se trata, portanto, de apenas outorgar um título ou um diploma, para que, em algum tempo, possa ser esquecido ou relegado*



***Títulos de Doutor Honoris Causa e Professor Honoris Causa a Betty J. Meggers e Oldemar Blasi, pelo Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná.***



***Público presente à Sessão Solene do Conselho Universitário da Universidade Federal do Paraná, para a concessão de títulos honoríficos a professores dos cursos de arqueologia do CEPA.***

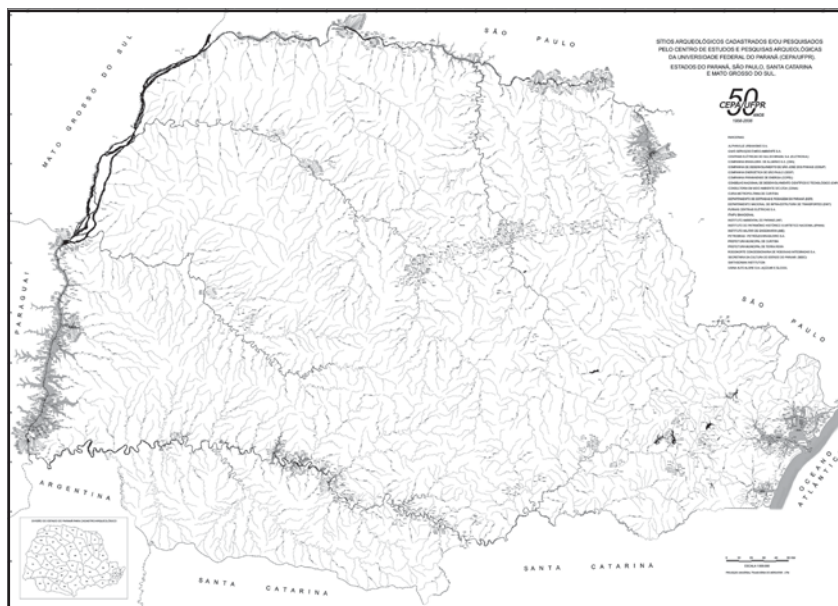
a um segundo plano.

*Queremos com essa homenagem, fazer constar os nomes de Betty Meggers e Oldemar Blasi, de forma indelével nos anais dessa Universidade e, assim, fazer seu registro, para todo o sempre como profissionais admiráveis que são, e cujas contribuições inestimáveis integram a história da cultura e da ciência não só desta Casa como de todo o Paraná. Parabéns ao CEPA pela iniciativa e pelo cinquentenário.*

*Senhoras e Senhores, posso lhes assegurar que é com a mais elevada honra, com a maior alegria, com o coração e os braços abertos que a Universidade Federal do Paraná recebe em seu panteão dos inolvidáveis a Doutora **Honoris Causa**, Betty Meggers e o Professor **Honoris Causa** Oldemar Blasi.*

*Agradeço pela atenção e pelo privilégio de ter presidido esta cerimônia.*

A elaboração de uma cartografia assinalando os 1.351 sítios arqueológicos registrados e/ou estudados pelo CEPA no Estado do



**Mapa do Estado do Paraná a adjacências com o posicionamento de sítios arqueológicos cadastrados e/ou estudados pelo CEPA/UFPR. Não constam dessa cartografia os sítios destruídos, que foram anotados separadamente e dos quais se possuem amostras.**

Paraná e porções limítrofes dos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina, representou a última atividade em comemoração do seu cinquentenário.

Elaborado por Jonas Elias Volcov, com a colaboração de Igor Chmyz e Eliane Maria Sganzerla, o mapa impresso encontra-se exposto nas dependências do Centro. Cópias em CD-ROM foram distribuídas às entidades patrocinadoras das pesquisas e instituições estando, o seu conteúdo, disponibilizado via Internet.

**ABSTRACT:** This article concerns the activities carried out in 2006 to commemorate the half centenary of the Center of Archaeological Research (CEPA) of the Federal University of Paraná. In addition, it will be introduced testimonies of archaeologists that, as professors or students, have been linked to the institution. These testimonies were collected by occasion of the Seminary Trajectories and Perspectives of the Brazilian Archaeology, that happened in Curitiba, between the 3<sup>rd</sup> and 5<sup>th</sup> days of October.

**KEY-WORDS:** History of Brazilian Archaeological; Institutions History; Testimony; Contributions.